

## APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A LINGUAGEM A PARTIR DE BAKHTIN E DE VOLÓCHINOV

Fábio Luiz de Castro DIAS<sup>1</sup>

**RESUMO:** o objetivo do nosso ensaio direciona-se aos nossos mapeamentos de parte das considerações de Volóchinov (2017) e de Bakhtin (2014) sobre a relação dialética, formadora e reguladora entre a consciência e a linguagem, o que se realiza através do signo ideológico – enquanto um objeto de materialidades únicas –, cujos sentidos se produzem nas interações sociais entre os sujeitos. Para concretizá-lo, embasamo-nos em nossas análises de duas obras, recorrendo a outras para a elucidação e a fundamentação de nossa escrituração: “Marxismo e filosofia da linguagem” (2017), de Volóchinov, e “O freudismo”, de Bakhtin (2014). Fazemo-lo por meio do procedimento metodológico do correlacionamento enunciativo (BAKHTIN, 2011), compreendendo-as no marcado dialogismo de sua complementaridade e de sua responsividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** consciência; linguagem; signo ideológico; interação social; vivência interior.

**ABSTRACT:** the objective of our essay is directed to our mapping of part of the considerations of Voloshinov (2017) and Bakhtin (2014) on the dialectical, formative and regulatory relationship between consciousness and language, that happens through the ideological sign – as an object of unique materialities –, whose meanings are produced in social interactions between subjects. To achieve this, we base ourselves on our analysis of two works, using others to elucidate and justify our writing: “Marxism and philosophy of language” (2017), by Voloshinov, and “The freudism”, by Bakhtin (2014). We do this through the methodological procedure of enunciative correlation (BAKHTIN, 2011), understanding them in the marked dialogism of their complementarity and responsiveness.

**KEYWORDS:** consciousness; language; ideological sign; social interaction; subjective psychic experience.

### Considerações iniciais

Entre as inúmeras problemáticas filosóficas e linguísticas às quais se voltaram os integrantes do Círculo de Bakhtin – Mikhail Bakhtin, Matvei Kagan, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov, por exemplo –, duas, que se classificam como ímpares, aparecem-nos em sua dinâmica interdependência, destacando-se pela robustez de seus desenvolvimentos: a primeira refere-se à formação da consciência, questão demasiado importante no interior do seu campo epistemológico; a segunda remete-se à constituição da representação, cujo fundamento precípua se dá na e pela linguagem, sob a ordem da

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Bolsista de iniciação científica PIBIC-UFLA. Membro e pesquisador do Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC-UFLA-CNPq). E-mail: castrodias.f.l@gmail.com.

alteridade como seu princípio imperativo. Em particular, os esforços de Bakhtin e de Volóchinov, no que se refere à relação entre a consciência e a linguagem, parecem-nos se formarem como uma contribuição à filosofia, à linguística e à psicologia, que se instituem como áreas, segundo os filósofos, cuja constituição necessita de voltar-se para as análises e para os pressupostos de uma filosofia da linguagem de base sociológica, fundamentando-se em uma compreensão materialista dos processos dialéticos, constituintes e determinantes do psiquismo de cada sujeito.

Logo, partindo de nossas leituras analíticas sobre a relação entre a consciência e a linguagem para o Círculo de Bakhtin, desejamos correlacionar (BAKHTIN, 2011, p. 400-401), para a fundação de nossa compreensão dialógica enquanto um vetor interpretativo, duas obras específicas: *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017) – à qual já nos referimos –, cuja autoria se dá a Volóchinov, e *O freudismo*<sup>2</sup> (BAKHTIN, 2014), cuja autoria se dá, por sua vez, a Bakhtin. A nossa escrituração trata-se de um ensaio de limitada constituição pela inescotabilidade do seu objeto discursivo. Portanto, assumimos a aberta exauribilidade semântica (BAKHTIN, 2016, p. 36) de nosso enunciado, que se define como provisório e relativo, ao se tornar respondente a enunciações pretéritas, para as responsabilidades prospectivas do futuro, uma vez que se insere, responsabilmente, em uma cadeia enunciativa em relação de tensa luta dialógica.

### Princípios metodológicos

Para a escrituração do nosso ensaio, fundamentamo-nos sobre o princípio metodológico do correlacionamento de Bakhtin (2011, p. 401), segundo o qual as obras das quais nos utilizamos se configuram como enunciados responsivos<sup>3</sup>, que se situam em certos contextos de produção, de circulação e de recepção. As suas responsabilidades instituem-se de maneira responsável pela marcação ideológica das presenças históricas dos sujeitos das enunciações. Além do mais, refere-se ao meio pelo qual se vivificam os sentidos. Segundo Bakhtin (2011, p. 401),

---

<sup>2</sup> *O freudismo* trata-se de uma das obras de autoria disputada. Sabemos que se atribui – o mesmo se deu com *O método formal nos estudos literários*, de P. N. Medviédev, e com *Marxismo e filosofia da linguagem*, de V. N. Volóchinov – *O freudismo* à autoria de M. M. Bakhtin. No entanto, há estudos pelos quais nos parece ser mais viável a sua atribuição à de Volóchinov, filósofo integrante de um dos Círculos de Bakhtin, cuja formação se deu em diálogo com o campo epistemológico do marxismo. Apesar de percebermos os movimentos através dos quais se deseja definir as autorias das obras dos membros dos Círculos de Bakhtin de modo unívoco, necessitamos de reconhecer que não nos cabe, entre um e outro, conceber uma dissonância radical. Ao contrário, os pontos de encontro dialógico entre Bakhtin e Volóchinov, por exemplo, revelam-se como preponderantes, apesar de cada qual se estabelecer em sua própria filiação filosófica. Como nos afirma Morson e Emerson (2008), “Bakhtin acrescentou uma dimensão sociológica a essa psicologia nos anos 1930 como uma tentativa, segundo parece, de enriquecer a sua teoria com as ideias de Volóchinov ao mesmo tempo que evitava o marxismo deste último” (p. 215). Para maiores esclarecimentos, recomendamos a leitura do ensaio *A obra em contexto: tradução, história e autoria*, de Sheila Camargo Grillo (2012), que se encontra em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (MEDVIÉDEV, 2012). Porém, aqui, atribuímos a autoria de *O freudismo* a Bakhtin, uma vez que se configura como o autor da edição da qual nos utilizamos. Ainda indicamos o ensaio, de 1925, *Do outro lado do social: sobre o freudismo*, de Volóchinov (2019), que se localiza em *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas* (VOLÓCHINOV, 2019).

<sup>3</sup> Característica dialógica do enunciado. Torna-se uma resposta a outro passado, configurando-se como aberto à responsabilidade de outro futuro.

O texto só tem vida com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de texto eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição” [...].

E, aqui, as obras de Bakhtin e de Volóchinov se vinculam pelo seu pertencimento ao mesmo campo temático, referindo-se à relação entre a consciência e a linguagem sob a égide dos seus entendimentos dialógicos e sociológicos. Para a nossa compreensão, ambos se aclaram quando se associam, pelo ato do nosso correlacionamento, na formação de uma série das cadeias enunciativas. Logo, manifestam-se como, interseccionando-se no interior dos campos discursivos nos quais se inserem, uma “[...] mônada original, que reflete todos os textos (no limite) de um dado campo de sentido” (BAKHTIN, 2016, p. 74).

### **A consciência na interação social: uma alteridade na concretude do signo ideológico**

De diversas maneiras, podemos compreender como se buscou, na história das ideias, definir o que é a consciência. No Círculo de Bakhtin, deu-se o mesmo, havendo uma relativa radicalização a partir de pressupostos, de um lado, fenomenológicos e, de um outro, marxistas, em uma intrincada fundamentação dialógica<sup>4</sup>. E, para que, minimamente, consigamos vislumbrá-la, parece-nos necessário a busca de sua definição a partir, primeiramente, de Volóchinov (2017), que se propôs, em *Marxismo e filosofia da linguagem*<sup>5</sup>, a construção da sua análise dos fenômenos da consciência, debruçando-se sobre os problemas gerais da filosofia da linguagem de base sociológica. Entretanto, para fazê-lo, torna-se incontornável, antes, o estabelecimento do nosso entendimento dos meios pelos quais se constituem e se desenvolvem os signos ideológicos, para, a partir daí, definirmos, conseqüentemente, a formação da consciência, uma vez que se tratam de fenômenos unidos em sua interdependência dialética.

Sob a égide de uma compreensão responsiva do posicionamento epistemológico do marxismo, Volóchinov (2017, p. 93) mostra-nos que, “[...] além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: *o mundo dos signos*”. Como um meio pelo qual se representa o mundo, o signo, segundo as suas palavras, “não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). O signo ideológico, em sua materialidade, caracteriza-se por sua pertinência ao mundo histórico, dando-se como uma presença única ao lado dos demais fenômenos mundanos, o que nos direciona à sua capacidade de figuração à apreensão e à percepção do ser humano.

Trata-se de uma forma de objeto – como nos diz Medviédev (2012, p. 56), de um “objeto-signo” –, cuja face objetal se realiza em sua função ideológica e sígnica, sem se

<sup>4</sup> Sobre as bases epistemológicas, com os seus diálogos conflituosos e extensivos, do Círculo de Bakhtin, orientamos, ao nosso leitor, a leitura de *The Bakhtin Circle: philosophy, culture and politics*, de Craig Brandist (2002).

<sup>5</sup> Há outras obras nas quais nos aparece a mesma problemática. Entretanto, decidimos nos ater apenas a *Marxismo e filosofia da linguagem* por se configurar, para os nossos objetivos, como o livro no qual nos oferece Volóchinov mais apontamentos e desdobramentos, no campo epistemológico do Círculo de Bakhtin, sobre a interdependência dialética entre a consciência e a linguagem.

prescindir, no entanto, de suas materialidades sensoriais<sup>6</sup>. E, aqui, o império do signo se faz coincidir com o da ideologia: *“tudo o que é ideológico possui significação sgnica”* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, grifo do autor). Portanto, se o ideológico se identifica com o sgnico, o primeiro, logo, constitui-se sempre como material, ou seja, o ideológico materializa-se no signo, seja através de sons e de massas, seja de cores e de gestos. “Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. O signo é um fenômeno do mundo externo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94).

Colocando-se diante do problema do ideológico e do sgnico, Volóchinov (2017) se posta, em seguida, contra duas concepções de consciência de grande difusão à sua época: a idealista e a positivista. De maneira específica, contra o modo segundo o qual a primeira e a segunda entendiam as problemáticas da compreensão, do ideológico e, conseqüentemente, do psiquismo, o filósofo russo se posiciona de modo radical, indicando-nos que “[...] a consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sgnico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95, grifo do autor). Logo, pondo-nos já diante de uma premissa basilar para a compreensão do psiquismo humano, podemos perceber que a consciência se constitui de, em e por signos ideológicos, e, portanto, torna-se um acontecimento ideológico da interação social – e verbal, como veremos –, haja vista que se formam os signos ideológicos nas relações discursivas entre os sujeitos, atrelando-se à comunicação social na correlação entre a infraestrutura e a superestrutura da sociedade na qual se criam.

Em certas tradições, acostumou-se à compreensão da criação e do desenvolvimento da linguagem – dos signos ideológicos, em específico – como acontecimentos da ordem do psiquismo individual, o que se reflete, conseqüentemente, em um dado entendimento do sujeito. Segundo Volóchinov (2017), o posicionamento idealista se instaura sobre a premissa segundo a qual se efetiva o movimento de formação e de instauração do signo no psiquismo individual, que se torna o centro a partir do qual se irradiam os fenômenos de significação ideológica. Nas palavras do filósofo russo, “no idealismo ela (a consciência) se torna tudo, e é colocada em algum lugar acima da existência, passando a defini-la” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96). Por sua vez, o positivismo fundamenta-se sobre, em seu fisiologismo, o esvaziamento das funções de significação ideológica da consciência. Volóchinov (2017, p. 96) diz-nos que, “para o positivismo psicológico, ao contrário, a consciência se torna nada: ela é uma soma de

---

<sup>6</sup> Referimo-nos à materialidade sensorial porque a concretude do signo ideológico se dá como apreensível e perceptível pelos sentidos humanos – ou se dá, de diferente modo, na interação entre os sentidos humanos e as materialidades sensoriais. Por exemplo, a cor, com os e pelos olhos, e o som, com os e pelos ouvidos. Trata-se de materialidades sobre as quais se formam, em suas complexidades, os signos ideológicos como as mônadas ideológicas pelas quais se realizam a representação humana. E, aqui, o conceito de ideologia define-se como “[...] o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico, e técnico ou em alguma outra forma sgnica” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 243). Trata-se de uma cosmovisão – logo, de uma representação – histórica e social, cuja estrutura se enraíza nas classes e nos grupos de uma sociedade. Torna-se material, aliás, pelo signo, que se institui, por sua vez, como, além de linguístico – com significado e significante –, ideológico. E quaisquer conceitos ou ideias tornam-se ideológicos, pois se encontram localizados na história, marcando-se pelos conflitos sociais entre as classes e/ou os grupos.

reações psicofisiológicas ocasionais que, em um passe de mágica, resultam em uma criação ideológica consciente e integrada”<sup>7</sup>.

Porém, Volóchinov apresenta-nos a sua compreensão, cujo núcleo se encontra na interação social entre os sujeitos sob as condições ideológicas e materiais da sua sociedade. A partir daí, torna-se aceitável o entendimento segundo o qual se dá, na relação pela qual se forma a consciência, um movimento inverso ao desenvolvido pelo idealismo: em princípio, o psiquismo individual não se torna o ponto primário a partir do qual se constituem e se desenvolvem, em direção à sua objetivação, os signos. Ao contrário, a sua origem localiza-se nas comunicações discursivas das interações sociais. Tornam-se a materialidade da alteridade entre os sujeitos em suas relações sociodiscursivas, das quais os signos se tornam uma função. De modo resumido, os signos ideológicos, para Volóchinov (2017), não se emergem da consciência isolada em si mesma, mas, sim, das interações sociais – dialógicas – entre as consciências de cada sujeito único e uniorrente, sob a égide da organização histórica de sua sociedade: “o signo é um fenômeno do mundo externo”, pois “[...] surge apenas no processo de interação entre consciências individuais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Ou seja,

Um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remeta à “natureza” no sentido literal dessa palavra. O signo tampouco surge entre dois *Homo sapiens*. É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio sógnico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96-97, grifo do autor).

A consciência, por sua vez, “[...] só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97). Em definição, antecipando as nossas discussões, podemos já compreender a consciência no seu movimento constante de encarnação ideológica, definindo-se, em cada momento histórico e social de sua formação contínua, como única e, pela sua própria condição estrutural, como interacional, uma vez que se manifesta como uma abertura relacional ao mundo, que se determina como uma unicidade pela sua localização espacial e temporal – a sua situacionalidade histórica e social. No entanto, para constituir-se como uma concretude ideológica, necessita de se encontrar em constante interação com as outras consciências, instaurando-se sobre uma estável organização social. A consciência, logo, só pode se tornar uma realidade ao se manifestar como uma composição movente de signos ideológicos, cuja formação material se desenvolve a partir do complexo processo das relações entre os sujeitos, o que nos leva à compreensão segundo a qual “*a consciência individual é um fato social e ideológico*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97, grifo do autor). Portanto, o âmbito de formação do signo ideológico, constituinte estrutural e indispensável da consciência individual, é o da interação social.

A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97-98).

<sup>7</sup> Ao nosso leitor, para uma maior compreensão da participação crítica do idealismo na obra de Volóchinov, sugerimos a leitura do artigo *O Círculo de Bakhtin e o Idealismo Alemão: relações entre pensamento e língua*, de Taciane Domingues (2017).



E, como muito bem nos orienta Domingues (2017, p. 652),

A língua é estabelecida em função dos indivíduos sempre em relação a seu meio social, não sendo possível deslocar o foco dos estudos linguísticos e da expressão unicamente para a subjetividade ou para a consciência sem examinar esse meio. A experiência subjetiva se dá mediante o contato com a coletividade, não a priori em relação a ela.

Constituindo-se de signos ideológicos, a consciência se forma, então, a partir de uma arquitetura discursiva, cujas expressões se fazem através de enunciados concretos<sup>8</sup>, que se determinam pelas condições infraestruturais e superestruturais da sociedade na qual se encontra. Em *O freudismo*, de modo semelhante, posiciona-se Bakhtin (2014, p. 79), dizendo-nos que “[...] todo produto da linguagem humana do homem, da simples enunciação vital a uma complexa obra literária, em todos os momentos essenciais é determinado não pela vivência subjetiva do falante, mas pela situação social em que soa essa enunciação”. Percebemos, aqui, um dos pontos nevrálgicos das discussões do Círculo de Bakhtin: quaisquer enunciações de um sujeito determinam-se pelo seu pertencimento a um horizonte avaliativo e pela sua orientação a um auditório social. A sua consciência, em sua estrutura enunciativa – já que se trata de um discurso<sup>9</sup> interior –, torna-se dialogizada, organizando-se como socioideológica ao se formar nos e pelos signos ideológicos pelos quais se constroem os seus enunciados interiores. Dá-se, logo, uma relação constitutiva e reguladora entre os discursos – signos – exteriores e os interiores, ambas as formas se manifestando como o componente ideológico e sócio do comportamento humano, que, por seu lado, “[...] é determinado em todos os momentos essenciais do seu conteúdo por fatores objetivo-sociais” (BAKHTIN, 2014, p. 86), ou seja, pelas condições ideológicas e materiais da sociedade na qual se realizam. Sobre o discurso interior, Domingues (2017, p. 652) nos afirma que

É composto por enunciações, que poderão ser objetivadas (expressas) pelo indivíduo ou não; mesmo que não as expresse a um interlocutor real, toda enunciação nasce de uma “situação social mais imediata”, citando palavras dos autores. Mesmo que não haja interlocutor real, a enunciação que acompanha o discurso interior sempre levará em consideração um representante médio do grupo social ao qual o indivíduo pertence, e participará de um certo horizonte social determinante dos discursos ideológicos da época a que esse indivíduo pertence, tais como a literatura, ciência, moral, direito, mais recentemente a indústria cultural do cinema e da música, etc.

Duas das nossas considerações se tornam imperativas. A nossa primeira se refere à compreensão do intercâmbio dialógico pelo qual se rege o movimento entre os signos exteriores e os interiores. Um signo ideológico, cuja constituição se dá nas relações sociais, trata-se de um fenômeno, como afirmamos, da existência histórica – pelo qual se reflete e se refrata a vida social em formação –, que se concretiza no mundo por meio das interações entre os sujeitos organizados de maneira histórica e social. Portanto, a sua formação ocorre no espaço ético e existencial da inter-relação, na exterioridade dos sujeitos. Porém, ao passarem a constituir uma consciência, sofrem um processo de

<sup>8</sup> Problemática à qual nos remetemos mais abaixo.

<sup>9</sup> Em um primeiro momento, discurso define-se como quaisquer produções de sentido, não se tratando somente de uma materialidade verbal. Pode, por exemplo, materializar-se por signos gestuais e pictóricos. Vamos nos referir à sua definição verbal mais adiante, quando nos dedicaremos à análise da palavra enquanto um signo ideológico.

interiorização, singularizando-se no e pelo lugar único e unio corrente do sujeito no mundo, pelo qual se gera, como consequência, uma refração<sup>10</sup> na constituição intrínseca do próprio signo. A refração do signo ideológico, logo, efetiva-se no seu movimento do exterior ao interior e vice-versa – da sua subjetivação à sua objetivação –, sempre se tornando outro a cada exteriorização e cada interiorização. Daí, cria-se a dialética, justamente, entre o sujeito e a coletividade<sup>11</sup>.

Portanto, uma das maneiras por meio das quais se efetivam os processos de refração do e no signo ideológico desenvolve-se a partir de e em, no seu *minimum*, uma instância, cuja constituição e cuja existência se envolvem na dialética das suas interações sociais: o sujeito em sua *individualidade*. Para Volóchinov (2017, p. 128), sempre se viu a inter-relação entre o ideológico e o psíquico a partir de uma correlação dicotômica, irreconciliável e oposta, da qual se deriva “[...] que o psiquismo é individual e a ideologia, social”. Trata-se de uma consequência, segundo o filósofo, cuja causa se encontra na forma pela qual se dá a avaliação do conceito de individual, uma vez que se poderia entendê-lo como independente do e oposto ao de social. Porém, Volóchinov (2017, p. 129) afirma-nos que

Esse tipo de compreensão é totalmente errôneo. O social está correlacionado com o “natural”, portanto não é o indivíduo como personalidade, mas como representante da espécie biológica. O indivíduo como proprietário dos conteúdos da sua consciência, como autor das suas ideias, como uma personalidade responsável por suas ideias e desejos, é um fenômeno puramente socioideológico. Portanto, o conteúdo do psiquismo “individual” é tão social por sua natureza quanto a ideologia, e o próprio grau da consciência da sua individualidade e dos seus direitos interiores é ideológico, histórico e está inteiramente condicionado pelos fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza e o signo interior não é menos social que o exterior.

Devemos nos pautar, por conseguinte, sobre a distinção entre o conceito de indivíduo, enquanto ente – portanto, como ser da natureza –, e o de individualidade, “que, construído sobre o indivíduo natural, é por sua vez uma superestrutura ideológica e sígnica, e portanto social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 129). Aqui, evidencia-se a compreensão avaliativa de Volóchinov sobre o fenômeno da relação entre a ideologia e o psiquismo, tratando-se não de instâncias que se impõem e se opõem de modo irreconciliável, mas, sim, que se constituem e se regulam de forma dialética.

Se, por um lado, o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro, os fenômenos ideológicos são tão individuais (no sentido ideológico da palavra) quanto os psíquicos. Cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores, mas

<sup>10</sup> O motor das refrações ideológicas, nas palavras de Volóchinov (2019, p. 314), encontra-se na sua correlação com o “[...] propulsor principal da história social: a *luta de classes*”, haja vista que se entrecruzam, no interior do signo ideológico, os interesses valorativos de cada uma das classes ou de cada um dos grupos de uma sociedade. O que delineamos se trata apenas de um dos outros motivos da refração.

<sup>11</sup> Como afirmamos em nossa nota anterior, dedicamo-nos apenas a um dos lados do fenômeno da refração pela qual se marca o signo ideológico. Um outro se refere às suas transições pelas diferentes esferas ideológicas por meio das quais se forma a superestrutura de uma sociedade, problemática à qual não nos remeteremos agora. O que nos cabe compreender encontra-se no primado da inevitabilidade da refração. Assim, a realidade objetiva não apenas se reflete nos signos ideológicos, mas, principalmente, refrata-se a partir de uma série de condições ideológicas e materiais.

essa marca é tão social quanto todas as demais particularidades e características dos fenômenos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 129-130).

O fenômeno da inter-relação entre a ideologia e o psiquismo – entre a expressão objetiva e a subjetiva – efetiva-se mediante a materialidade da dialética de sua recíproca constituição e regulação, que se manifesta no intercâmbio entre o discurso exterior e o interior, um dos processos por intermédio dos quais se institui a refração do signo ideológico. Por mais social que se revele a consciência de um sujeito, não podemos, no entanto, negar a sua unicidade na unicorrência da sua existência histórica e social, desde as condições mais amplas às mais restritas. Trata-se da indispensabilidade da consciência única para o estabelecimento dos processos ideológicos, sem que se pressuponha, a partir daí, a derivação da ideologia do psiquismo. Como nos diz Volóchinov (2017, p. 137), “um signo exterior, incapaz de entrar no contexto dos signos interiores, ou seja, incapaz de ser compreendido e vivido, deixa de ser signo e torna-se um objeto físico”.

E, enquanto não se instancia na expressão objetiva de uma esfera ideológica – ciência, literatura, religião e política, por exemplo –, ancorando-se em um campo cultural e correspondendo-se a um horizonte social, o conteúdo da consciência de um sujeito se torna instável, limitando-se em sua potencialidade dialética. Logo, “a significação realizada no material do movimento interior é voltada para o próprio organismo, para o indivíduo, e acima de tudo é definida no contexto da sua vida única” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 130). Contudo, em sua própria estrutura, “a singularidade da unidade psíquica é totalmente compatível com uma compreensão ideológica e sociológica do psiquismo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 130). Trata-se de uma singularidade, reconhecemos, cuja constituição somente pode se dar ao se inserir nas suas constantes relações sociais, sem as quais não gozaria sequer de possibilidades de existência.

Nesse sentido, meu pensamento, o sistema do meu psiquismo pertence, desde o princípio, a um sistema ideológico e é regido por suas leis. No entanto, *ele pertence ao mesmo tempo a um outro sistema, também único e que possui suas leis específicas: o sistema do meu psiquismo*. A unidade desse sistema é determinada não apenas pela unidade do meu organismo biológico, *mas por todo conjunto das condições cotidianas e sociais nas quais esse organismo está inserido* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 130, grifo do autor).

Consequentemente, compreendemos, em primeiro, que a relação entre o psíquico e o ideológico – ou seja, entre o individual e o social – pauta-se sobre uma constituição e uma regulação, uma vez que se laçam em uma interdependência dialética para *ser e vir-a-ser*. Em outros dizeres, não há uma instância sem a outra ou, nas palavras de Volóchinov (2017, p. 138, grifo do autor), “entre o psiquismo e a ideologia existe uma interação dialética indissolúvel: *o psiquismo desaparece, anula-se, ao tornar-se ideologia, assim como a ideologia se exclui ao tornar-se psiquismo*”, o que se efetiva pela tensão dialógica que se estabelece na relação constitutiva e reguladora entre o discurso exterior e o interior, o que nos move para o entendimento segundo o qual o solo comum da constituição da consciência e da formação da ideologia trata-se do mesmo: o dos signos ideológicos da e na comunicação discursiva das interações sociais. Na voz do filósofo russo,

Do ponto de vista do conteúdo ideológico não há e não pode haver fronteiras entre o psiquismo e a ideologia. Qualquer conteúdo ideológico, sem exceção, independentemente do tipo do material sógnico em que ele estiver encarnado, pode ser compreendido e, por conseguinte, assimilado psiquicamente, isto é, pode ser reproduzido no material do signo interior. Por outro lado, qualquer fenômeno ideológico passa, no processo de sua criação, pelo psiquismo, por



ele ser uma instância necessária. Reiteremos: qualquer signo ideológico exterior, independentemente do seu gênero, banha-se por todos os lados nos signos interiores, ou seja, na consciência. *Esse signo exterior tem sua origem no mar dos signos interiores e nele continua a viver, pois a sua vida se desenvolve no processo de renovação da sua compreensão, vivência e assimilação, ou seja, em sua inserção contínua no contexto interior* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 127-128, grifo nosso).

Em segundo, entendemos que a interioridade discursiva – sónica – do psiquismo humano, em realidade, não se efetiva em sua pertinência a um espaço interno, cuja sede se localizaria na intrinsecalidade da mente em uma oposição simples ao mundo, já que a sua existência se dá na dimensão do signos ideológicos em movimento dialético. A consciência, antes, dá-se como uma forma de exterioridade ou externalidade a si. Em relação a si mesma, sempre se coloca, através da alteridade, como um movimento no e para o mundo graças à sua materialização ideológica e sónica pelo signo ideológico. A interioridade ou a internalidade da consciência reflete-se apenas na significação ideológica pela qual se constitui, não se referindo ao seu insulamento em si mesma, já que se trata de uma sociologicidade. Como nos orienta Volóchinov (2017, p. 107), o discurso interior, pelo qual se forma o psiquismo de um sujeito, dá-se, como uma manifestação ideológica da psicologia social através do signo, “inteiramente no *exterior*: na palavra, no gesto no ato”.

Como um *movimento* por meio do signo ideológico, a consciência institui-se como uma presença ao, no e pelo mundo através das suas interações sociais com outras consciências na comunicação discursiva, jamais se portando como uma imanência isolada em sua mesmidade interior ou interna. Parece-nos necessário, aqui, a consideração dos pares dicotômicos exterior/interior ou externo/interno como princípios pelos quais se delineiam os movimentos dialéticos de formação do signo e de constituição da consciência, em sua reciprocidade dialética, na alteridade manifesta das interações sociais e das comunicações discursivas, quando se efetiva a subjetivação em relação à objetivação - e vice-versa - do discurso interior ao exterior, não se tratando, logo, da consciência como uma interioridade ou como uma internalidade oposta ao mundo, que se isola, em si, para, em seguida, apreendê-lo ou conhecê-lo. Ao contrário, pela dialética do signo ideológico, Volóchinov (2017) mostra-nos a interdependência da consciência em relação ao mundo no qual se instancia, pela sua alteridade, tornando-se a primeira uma presença mundana em sua subordinação às condições ideológicas e materiais da configuração histórica da sociedade na qual se localiza, o que se manifesta, segundo a nossa compreensão, pelo primado, principalmente, da comunicação discursiva em sua situacionalidade na interação social, zona na qual se constituem as consciências uniorrentes e se formam os signos ideológicos. Então, como nos mostra Domingues (2017, p. 653, grifo nosso),

A consciência necessita de material semiótico para operar, e esse material é provido por um conjunto de *signos externos a ela*. Na língua, através do signo ideológico e opondo um signo a outro, a consciência compõe as enunciações do discurso interior sempre a partir de um horizonte e de um auditório sociais bem definidos. *O material semiótico que dá forma à consciência advém da comunicação social, ou seja, é sempre um dado externo a ela. A palavra, oriunda do terreno interindividual da comunicação social, acompanha e torna possível (pois é o material semiótico mais comum da consciência) todos os processos de significação e organização dos posicionamentos epistemológicos do indivíduo.*

E, assim sendo, podemos perceber a imprescindibilidade, que se impõe às nossas considerações, da análise da consciência apenas na sua encarnação sónica, cuja materialidade ideológica se torna o espaço do encontro entre o ser e o mundo, que se constituem no limiar entre um e outro, instanciando-se nos signos ideológicos das suas interações sociais, haja vista que, nas palavras de Volóchinov (2017, p. 116-117, grifo do autor),

Não há psiquismo fora do material sónico. Há processos fisiológicos, processos no sistema nervoso, mas não há psiquismo subjetivo como uma qualidade específica da existência, diferente, por princípio, tanto dos processos fisiológicos do organismo quanto da sua realidade circundante, sobre a qual reage o psiquismo e que ela reflete de uma maneira ou de outra. É como se o tipo de existência do psiquismo subjetivo o situasse entre o organismo e o mundo exterior, como se *na fronteira* dessas duas esferas da realidade. Nesse limite ocorre o encontro, que não é físico, do organismo com o mundo exterior: *nesse caso, o organismo e o mundo se encontram no signo*. A vivência psíquica é uma expressão sónica do contato do organismo com o meio exterior. É por isso que o *psiquismo interior não pode ser analisado como objeto e só pode ser compreendido e interpretado como signo*.

Portanto, as refrações, que se caracterizam como o movimento ideológico pelo qual os sentidos se tornam outros – ou seja, pelo qual não se coincidem de modo absoluto e idêntico em e para cada sujeito –, efetivam-se, por um de seus lados, nos espaços das unicidades dos sujeitos em constituição, haja vista que o lugar de cada um no mundo, como nos aponta Bakhtin (2011), revela-se, historicamente, como unio corrente. Trata-se de lugares a partir dos quais se produzem os excedentes de conhecimento e de visão do sujeito sobre os outros, os acontecimentos, os fenômenos, os sentidos e os valores, “[...] porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim” (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Em relação à constituição e ao desenvolvimento do psiquismo, a raiz genética, da própria vivência interior<sup>12</sup> de um sujeito – isto é, da atividade psíquica através da qual se instituem as experiências interiores de cada um em relação ao mundo, aos outros e a si – não poderia se dar fora das suas encarnações ideológicas, cuja gênese se encontra no dialogismo das suas interações sociais, o que nos aponta, novamente, para a continuidade qualitativa entre o conteúdo do psiquismo e o da ideologia. A sua estrutura constitui-se e determina-se como uma formação sónica, na medida na qual se significa em sua formação em e por signos ideológicos, já que é “[...] a significação que faz com que uma vivência seja uma vivência. É impossível abstrair-se dela sem perder a própria essência da vida psíquica interior” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 117). Sobre, em direção semelhante, Morson e Emerson (2008, p. 216) dizem-nos que,

Para Volóchinov, nem o material da vida psíquica nem os princípios fundamentais pelos quais ela se organiza são descontínuos em relação aos materiais e princípios mais gerais da vida social e ideológica. Não existem leis psíquicas especiais *per se*, pelo menos no sentido em que Freud e outros

<sup>12</sup> Consideramos necessária a citação da nota das tradutoras de *Marxismo e filosofia da linguagem* a respeito do conceito de vivência. Segundo as autoras, “o termo russo *pereživánie* é uma tradução da palavra alemã *Erlebnis*, que pode significar ‘vivência’ ou ‘experiência’. A tradução brasileira a partir do francês optou por ‘atividade psíquica’. A americana usou *subjective psychic experience*. A espanhola empregou *vivencia psíquica subjetiva*. Optamos por ‘vivência’ porque a raiz da palavra russa *pereživánie* é *jiv*, que significa ‘vida’ e ‘viver’ em russo” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 117). Ainda, parece-nos indispensável considerar que, “em MFL, a vivência é associada ao signo interior [...]” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 367).

supuseram. Existem, sim, princípios de vida psíquico-ideológica que levam em conta a variação dependendo do grau em que uma experiência é compartilhada.

Para Volóchinov (2017), a vivência interior, então, trata-se de uma materialização ideológica pelo signo, manifestando-se como um discurso interior – cuja qualidade não se difere da do exterior, já que ambos se efetivam no e pelo signo ideológico em seu intercâmbio social. No entanto, o filósofo russo alerta-nos para uma consideração importante: a vivência, enquanto uma encarnação em signos ideológicos, não se forma e não se desenvolve como *sígnica* apenas na instância da sua *expressão potencial*, mas, também, para “*a própria pessoa que a sente*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 120, grifo do autor), isto é, para quem a vive em sua unicidade, de si para si. “*Fora desse material não existe a vivência como tal*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 120, grifo nosso). Não há, portanto, uma separação absoluta entre os discursos exterior e interior em relação à qualidade de sua formação concreta, haja vista que a sua constituição e a sua expressão se dão a partir do mesmo material *sígnico*, o que se configura como uma premissa por meio da qual podemos compreender que

Não há vivência fora da encarnação *sígnica*. Portanto, desde o início, não pode haver nenhuma diferença qualitativa entre o interior e o exterior. Não é a vivência que organiza a expressão, mas, ao contrário, a expressão organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo a sua direção (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Em adição, ainda, Volóchinov (2017, p. 120, grifo do autor) diz-nos que,

Entre a vivência interior e a sua expressão não há um salto, não há uma passagem de uma qualidade da realidade para outra. A passagem da vivência para a sua expressão exterior se realiza nos limites de uma mesma qualidade e representa uma passagem *quantitativa*. É verdade que, às vezes, no processo de expressão externa realiza-se a passagem de um material *sígnico* (por exemplo, da expressão facial) para outro (por exemplo, o verbal), mas todo o processo não extrapola os limites do material *sígnico*.

Em sua forma elementar, a vivência, como evidenciamos, trata-se de um discurso interior, cuja formação se efetiva a partir de signos ideológicos, o que nos permite compreendê-lo, bakhtinianamente, em sua materialização como enunciados interiores: unidades de sentidos nas quais se articula a alteridade em suas responsabilidades prospectivas e retrospectivas, já que se trata do ato, do produto e do processo<sup>13</sup>. E, “em resumo, *tudo o que acontece dentro do organismo pode tornar-se material de vivência*, pois tudo pode adquirir uma significação *sígnica*, isto é, tornar-se expressivo” (VOLÓCHINOV, 2017, P. 121, grifo do autor).

<sup>13</sup> Trata-se do conceito de enunciado do Círculo de Bakhtin, no qual se encontram inseparáveis o enunciado e a enunciação, o que se trata de uma dicotomia inerente a outras perspectivas linguísticas. “Para algumas teorias que estudam a linguagem, a enunciação é o ato de pôr em uso o sistema da língua (um processo) e o enunciado é o resultado desse ato (produto). Em outras palavras, para estas teorias, o enunciado é o produto de um processo, que é a enunciação. No pensamento bakhtiniano, essa distinção não é posta, pois um dos conceitos fundamentais da teoria é o de enunciado concreto, que é um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” (SILVA, 2013, p. 49). Em russo, *высказывание* (*vyskazyvanie*) refere-se a uma unidade de sentido aberta às suas responsabilidades retrospectivas e prospectivas, pela qual os sujeitos significam o mundo, a si e o outro, para si e para outrem, em interação discursiva, da qual não podemos dissociar o produto da produção.

A nossa segunda consideração, relacionando-se com a nossa primeira, direciona-se à importância da consideração da orientação social, logo, da consciência humana, o que se manifesta na dialogicidade do seu discurso interior, já que se organiza, segundo Volóchinov (2017), a partir de um determinado horizonte social e valorativo. Para o filósofo russo,

Se tomarmos o enunciado no processo da sua constituição “ainda dentro da alma”, a essência da questão não será alterada, pois a estrutura da vivência é tão social quanto a estrutura da sua objetivação. O grau de consciência, de clareza e de constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à *orientação social* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 207, grifo nosso).

A orientação social se mostra como o índice determinante das estruturas do posicionamento da consciência no mundo, assim como da sua capacidade de conscientização. Trata-se do meio pelo qual se torna socioideológica. “De fato, mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo, da fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 207). Já que se manifesta como um discurso interior, a consciência de um sujeito sempre se orienta em direção a um determinado auditório social, restringindo-se pelos interesses valorativos do horizonte social da classe na qual se encontra. Portanto, até mesmo os “discursos verbais íntimos são inteiramente *dialógicos* e inteiramente penetrados pelas avaliações do seu ouvinte ou do auditório em potencial, mesmo que o pensamento sobre o ouvinte não tenha ocorrido ao falante” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 274). Trata-se da necessidade de direcionamento da consciência para o seu auditório social nos limites das suas condições ideológicas e materiais, determinando-se como uma alteridade na e pela linguagem desde as suas estruturas. A consciência, logo, manifesta-se como um acontecimento ideológico, ou seja, segundo Volóchinov (2017, p. 211, grifo nosso), como um território social:

Desse modo, a personalidade falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais. Seu *território social* não é apenas a expressão exterior, mas também a *vivência interior*. Consequentemente, todo o caminho entre a vivência interior (aquilo que é “expresso”) e a sua objetivação exterior (o “enunciado”) percorre o território social. Já quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos.

Em *O freudismo*, dedicando-se à análise crítica da psicanálise, Bakhtin (2014, p. 77, grifo do autor) afirma-nos que “[...] a *dinâmica psíquica de Freud é dada numa interpretação ideológica da consciência*. Trata-se, *consequentemente, da dinâmica não das forças psíquicas, mas apenas de diferentes motivos da consciência*”. Para Bakhtin, o inconsciente se define, na lógica do seu raciocínio, como “[...] apenas um dos motivos dessa consciência, um dos modos de interpretação ideológica do comportamento” (BAKHTIN, 2014, p. 78). Em outros dizeres, o caos e a luta inerentes ao psiquismo não se encontram nos laços das pulsões libidinais, isto é, das forças naturais, mas, sim, no âmago do dinamismo, conflituoso e tenso, dos motivos ideológicos pelos quais se formam as consciências dos sujeitos organizados em suas sociedades – logo, na luta de classes. Consequentemente, a dinâmica psíquica se instaura na ideologização da consciência, que se torna, ao construir-se em e por signos ideológicos, o espaço dos conflitos de valores entre as classes e os grupos por meio dos quais se estrutura a sociedade na qual se insere, tornando-se o plano das tensões entre as vozes sociais. Trata-se de uma consequência do

cruzamento de ênfases multidirecionadas na interioridade do signo ideológico, que se manifesta, nas palavras de Volóchinov (2017, p. 113), como o “[...] palco da luta de classes”. E, segundo Bakhtin (2014, p. 78),

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? Neste sentido podemos perfeitamente compará-la à ideologia na própria acepção do termo, ideologia essa que é expressão da consciência de classe. Mas não se pode tomar como verdade nenhuma ideologia, seja individual ou de classe, nem acreditar nela sob palavra. A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se escondem por trás dela.

A orientação social, portanto, revela-se como, concomitantemente, o constituinte e o regulador da consciência humana, colocando-se para além da dinâmica imediata de uma situação da interação social, já que se torna o meio pelo qual se refletem e se refratam

Os laços sociais mais amplos, longos e sólidos, em cuja dinâmica se elaboram todos os elementos do conteúdo e as formas do nosso discurso interior e exterior, todo acervo de avaliações, pontos de vista, enfoques etc., através dos quais lançamos luz, para nós mesmos e para os outros, sobre os nossos atos, desejos, sentimentos e sensações (BAKHTIN, 2014, p. 86).

Por fim, consideremos, segundo os pensadores do Círculo de Bakhtin, o signo ideológico por excelência: a palavra. Segundo Volóchinov (2017), a sua “[...] realidade é absorvida na sua função de ser signo. Não há palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *médium* mais apurado e sensível da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98-99). Graças às suas características, transformou-se, nos estágios de desenvolvimento do ser humano, no signo mais apto à formação da consciência humana pela sua onipresença na comunicação discursiva entre os sujeitos. Como nos mostra Domingues (2017, p. 651),

A palavra é definida como o signo mais puro e o mais neutro; enquanto cada área possui seus signos e símbolos específicos, a palavra perpassa todas elas, podendo preencher as funções ideológicas do discurso científico, estético, religioso, jurídico, etc., além de estar presente em todos os momentos da vida na comunicação cotidiana.

Constitutivamente, a palavra, ao longo dos estágios de desenvolvimento das consciências imersas em suas interações sociais, desenvolveu-se como o signo ideológico de características ímpares. Em primeiro, à qual já nos remetemos, a sua existência dissolve-se na sua função signica, determinando-se como o meio mais modelar para as efetivas representações da realidade objetiva. Fora da sua funcionalidade como um signo ideológico, a palavra torna-se uma abstração idealizada, distanciando-se dos processos concretos e reais da sua constituição e do seu desenvolvimento. Indo além, nas palavras de Volóchinov (2017, p. 99):

A significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura signica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano das ciências das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação signica.

Pela sua flexibilidade, a palavra se tornou, portanto, o signo ideológico mais adequado ao exercício da comunicação cotidiana, elegendo-se como o constituinte



principal da consciência humana. Para sê-lo, porém, precisou de tornar-se não somente “[...] o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99), sendo “[...] neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99). A palavra, logo, não se restringe a apenas uma esfera ideológica: “ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99). Conseqüentemente, pôde formar-se como o signo ideológico das consciências na esfera das interações sociais de caráter imediato, definindo-se como, segundo as diretrizes de Bakhtin (2014, p. 79), “[...] uma espécie de ‘cenário’ daquele convívio mais íntimo em cujo processo ela nasceu, e esse convívio, por sua vez, é um momento do convívio mais amplo do grupo social a que pertence o falante”. Por conseguinte, manifesta-se como, segundo Volóchinov (2017, p. 100, grifo do autor),

[...] um *medium* predominante da consciência individual. A realidade da palavra, como a de qualquer signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio do organismo individual, sem a ajuda de quaisquer instrumentos e sem nenhum material extracorporal. Isso determinou o fato de que *a palavra se tornou o material sgnico da vida interior: a consciência* (discurso interior). Pois a consciência foi capaz de se desenvolver apenas graças a um material flexível e expresso por meio do corpo. A palavra foi justamente esse material. A palavra pode servir como um signo de uso interior, por assim dizer; ela pode realizar-se como signo sem ser plenamente expressa no exterior. Por isso o problema da consciência individual, tomado como *palavra interior* (e em geral *signo interior*), é uma das questões mais importantes da filosofia da linguagem.

Portanto,

Esse papel excepcional da palavra como um meio da consciência determina o fato de que *a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100-101, grifo do autor).

Como um puro fenômeno ideológico, a palavra se forma como o sustentáculo dialético do movimento entre o discurso exterior e o interior pelo qual se forma a estrutura movente da consciência humana, tornando-se a ancoragem de quaisquer criações conscientes. Não nos esqueçamos, contudo, de sua função social, pela qual se institui, aliás, a socioideologicidade sgnica da consciência. Na palavra, efetiva-se a refração de um modo único devido ao seu transcurso contínuo pela esfera da comunicação cotidiana, na qual se manifestam mudanças ideológicas de caráter contundente, vinculando-se à infraestrutura (a base econômica) e à superestrutura (a base ideológica) da sociedade. Ou seja, “a palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

Como qualquer signo ideológico, a criação da palavra situa-se na interação social. Como o principal material sgnico da consciência, realiza-se como o meio precípua da dialogização das estruturas do psiquismo humano. Daí, deriva-se o movimento alteritário da constituição concreta dos sujeitos através da palavra, em cujas bases se encontram as marcas da sua orientação social. Mais do que qualquer outro signo, a palavra se submerge

na sua orientação a um auditório social e na sua determinação por um horizonte valorativo. A presença de outrem, marcada ou subentendida, estrutura-se na palavra como um de seus pilares.

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205, grifo do autor).

A palavra se sustenta como o signo primário da consciência humana e da comunicação discursiva, inserindo-se no trânsito entre as distintas esferas ideológicas. Logo, o psiquismo se afirma, por meio das considerações de Bakhtin e de Volóchinov, como uma significação ideológica, por meio da qual se representa o mundo. E, através da palavra, dá-se a formalização verbal dos seus conteúdos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101). Em sentido amplo, trata-se de uma consciência verbalizada, cujas bases se tornam dialógicas pela orientação social das suas formações sógnicas. Portanto, a alteridade das interações sociais do sujeito reflete-se na estrutura da sua consciência pela concretude dos signos ideológicos pelos quais se forma.

### Considerações finais

De modo básico e sucinto, conseguimos compreender a consciência enquanto um fenômeno ideológico a partir das análises dialógicas e sociológicas de Bakhtin e de Volóchinov. De mesmo modo, foi-nos mostrada a fonte primária da formação da linguagem humana: a interação social, sob as ordens históricas da infraestrutura e da superestrutura de uma sociedade. O psiquismo delimita-se como uma articulação, através da interação social, entre os signos ideológicos, formando-se como, na exterioridade do mundo histórico, um movimento socioideológico de caráter alteritário e uniorrente, cujas estruturas gerais e primeiras se constituem nas relações dialógicas entre os sujeitos localizados na hierarquia e na organização da sociedade na qual se encontram. Na interação social entre um eu e um outro, formam-se os pontos de contato entre as suas consciências, em torno das quais se dispõem e se desenvolvem os sentidos e os valores das culturas, em entrecruzamento e em conflito, das suas classes e/ou dos seus grupos.

Como não se caracteriza como dada, a consciência, logo, revela-se como uma construção ininterrupta, nos e pelos signos ideológicos, da alteridade entre, no mínimo, dois sujeitos, cujas interações se caracterizam, de maneira relativa, como assimétricas e plenevalentes a depender das suas localizações nos estratos sociais das suas classes e/ou dos seus grupos, sob as condições ideológicas e materiais da sua sociedade. O psiquismo, então, trata-se de uma materialidade sógnica das relações alteritárias, que não se deixa perder, no entanto, como uma unicidade graças à uniorrência do seu lugar histórico no mundo. Além do mais, a consciência, por se formar nos e pelos signos ideológicos, afirma-se como uma articulação conflituosa entre vozes sociais, já que se configura um reflexo da luta de classes no seu interior através das linguagens.

Em mesma direção, Bakhtin e Volóchinov nos indicam, também, a própria inexistência da consciência humana fora da sua encarnação ideológica. E, de igual maneira, torna-se impossível, para um sujeito, conscientizar-se como um eu para aquém

da condição humana da sua representação, em alteridade, pela linguagem ideológica. Então, a consciência do eu sobre si – enquanto uma presença na eventicidade histórica do mundo – só se torna possível a partir da conscientização do outro sobre o eu, que se representam, nas suas interações sociais, graças aos signos ideológicos. E ambas as consciências, assim, constituem-se e regulam-se como alteridades únicas, sempre em constante movimento dialógico nas e pelas linguagens. Nas palavras de Bakhtin (2017, p. 30), “como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro”. Ou seja, segundo Faraco (2016, p. 48), a consciência do eu “[...] vai se revelando no fundo da consciência socialmente alheia do outro sobre ele”.

Portanto, não há a consciência do eu sem a do outro, e vice-versa. As consciências se dão umas às outras em reciprocidade dialógica, refletindo-se e refratando-se ao se vincularem através dos signos ideológicos. Como nos diz Volóchinov (2017, p. 95), “essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as [...]”. A alteridade, logo, encontra-se e reflete-se nas estruturas da consciência individual. E o sujeito, enquanto uma representação, forma-se como uma composição única de signos ideológicos em movimento contínuo. A consciência, logo, não se dá como um dado em si, como uma esfera, mas instaura-se na existência como uma construção dependente da interação social e do signo ideológico. De outra forma, nas palavras de Bakhtin (2014, p. 86-87),

Todas as motivações do comportamento de um indivíduo, toda tomada de consciência de si mesmo (porque a autoconsciência sempre é verbal, sempre consiste em encontrar um determinado complexo verbal) é a colocação de si mesmo sob determinada norma social, é, por assim dizer, a socialização de si mesmo e do seu ato.

E, dentre os signos ideológicos, destaca-se a palavra, que se configura como o precípua pelas suas peculiaridades – “sua pureza, seu caráter ideológico neutro, sua participação na comunicação cotidiana, sua capacidade de ser palavra interior e, por fim, sua presença obrigatória como fenômeno concomitante em qualquer ato ideológico consciente” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101) –, revelando-se como imprescindível à verbalização dos processos da consciência, na qual se manifesta, inelutavelmente, como o centro de um conflito dialógico, em cujo interior se cruzam ideologias nas quais se refletem, historicamente, os embates entre as classes e/ou os grupos.

Portanto, a consciência, pelos signos ideológicos, trata-se de uma socioideologicidade ininterrupta. Forma-se como, nas interações sociais nas quais se constitui, um perpétuo movimento em direção à eventicidade histórica dos acontecimentos através das suas representações pelos signos ideológicos, sobre uma infraestrutura e sob uma superestrutura. Trata-se do *modus operandi* por meio do qual se afirma como uma alteridade na concretude do signo ideológico, em direção a outrem, a si e à realidade. E, pelas lentes das suas representações ideológicas, o mundo se institui, por sua vez, como histórico e humano, pois se torna conscientizado, manifestando-se como um lugar de sentido e de valor. Enfim, para quem das suas encarnações nos e pelos signos ideológicos, não podemos, de maneira apodítica, estabelecer afirmações sobre a realidade da consciência humana, exceto que não se apresentaria como a concebemos segundo as propostas de Bakhtin e de Volóchinov.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: \_\_\_\_\_. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2017, p. 21-56.

\_\_\_\_\_. **O freudismo**: um esboço crítico. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2016, p. 11-107.

BRANDIST, Craig. **The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics**. Londres: Pluto, 2002.

DOMINGUES, Taciane. O Círculo de Bakhtin e o Idealismo Alemão: relações entre pensamento e língua. **Estudos Linguísticos**, São Paulo/SP, v. 46, n. 2, 2017, p. 641-654.

FARACO, Carlos Alberto. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo/SP: Contexto, 2016, p. 37-60.

GRILLO, Sheila. A obra em contexto: tradução, história e autoria. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo/SP: Contexto, 2012, p. 19-37.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina. Glossário. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: Editora 34, 2017, p. 353-367.

\_\_\_\_\_. Nota de tradução número 12. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: Editora 34, 2017, p. 117.

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo/SP: Contexto, 2012.

MORSON, Gary. EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo/SP: Editora da USP, 2008.

SILVA, Adriana. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo/SP: Parábola, 2013, p. 45-69.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: Editora 34, 2019.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: Editora 34, 2017.

*Submetido em 13 de abril de 2020*

*Aprovado em 28 de junho de 2020*